

A Marca da Maldade - violência pura e impura

Angela Harumi Tamaru*

Em *A violência e o sagrado*, livro escrito em 1972, René Girard põe em discussão a idéia, polêmica, de que o homem é imbuído de um desejo de natureza mimética, em que ele precisa experimentar a ameaça de um outro: eu desejo o que ele deseja e vice-versa. Esse drama existencial, segundo o autor, é um modo inaugural da violência, ou seja, a explosão de conflitos decorreria da rivalidade cada vez mais crescente entre os homens. A exorcização dessa violência estaria no ato sacrificial de vítimas expiatórias da mesma sociedade: *é a comunidade inteira que o sacrifício protege de sua própria violência (...). O sacrifício polariza sobre a vítima os germens de desavença espalhados por toda parte, dissipando-os ao propor-lhes uma saciação parcial*.¹

No filme *Marca da maldade* de Orson Welles, o personagem Quinlan, policial e detetive, profetiza os culpados dos crimes que investiga. Uma vez apontados os criminosos, encerram-se as buscas, iniciam-se as provas, mesmo que se tenha de forjá-las. A inescrupulosidade do personagem é revelada quando Vargas, adversário profissional, pressiona-o por obter provas falsas (Quinlan deposita dinamite na residência de Sanches) para incriminar Sanches pela explosão do carro que mata Linnekar (sogro de Sanches, cuja morte lhe confiou a herança de um milhão de dólares).

Quinlan tenta desvencilhar-se de Vargas acusando-o, e também a sua esposa, de envolvimento com tráfico e uso de drogas. Nessas tentativas, Quinlan usa de violência para alcançar seus resultados. Arregimenta a família Grandi, de pouco caráter, para seqüestrar Susie e forjá-la ao uso de drogas. No entanto, sacrifica Joe Grandi, o mentor da família, em um ato cruel de estrangulamento. Se por um lado, o ato tem como função incriminar Susie, por outro, canaliza a violência do próprio Quinlan, agora amainada pela sordidez do assassinato. Joe, embora não seja inocente, torna-se vítima de Quinlan, adquirindo impotência e fragilidade (não alcança a arma sob a cama, não consegue fugir pela janela). No

* Mestre e pesquisadora do Laboratório de Estudos Audiovisuais-Olho, Faculdade de Educação/Unicamp. Doutoranda no Instituto de Estudos da Linguagem/Unicamp.

¹ GIRARD R., *A violência e o sagrado*, pp. 20-21.

entanto, a violência praticada pela morte de Joe é limpa e silenciosa, o que lhe confere um caráter purificador, posto que ela se mostra sob um aspecto pacificador: Sanches é realmente o assassino e tais subterfúgios provarão a sua culpabilidade. Mas o caráter sacrificial entrará em crise na medida em que Vargas e Menzies armarão a emboscada para Quinlan. Pego confessando as provas forjadas em um gravador (que provoca um eco sob a ponte), Quinlan reage atirando em Menzies, que o traiu compondo com Vargas. Abre-se a crise porque tal violência não é nem limpa e nem silenciosa. Ouvimos o tiro do revólver e Menzies suja de sangue a mão de Quinlan, que em desespero, desce ao rio para lavar-se. A violência neste momento é impura. Quinlan se vê praticando a violência de maneira desastrosa. *O sacrifício não é mais capaz de cumprir sua tarefa; ele aumenta a torrente de violência impura que não consegue mais canalizar. O mecanismo das substituições enlouquece, e as criaturas que deveriam ser protegidas pelo sacrifício tornam-se suas vítimas.*²

A violência impura é capaz portanto de despertar a vingança, o que não poderia ocorrer no sacrifício. A morte de Joe não é vingada, mas neste segundo episódio, Menzies vinga-se por si mesmo, atirando naquele que suprimiu a diferença entre o puro e o impuro e *quando se perde esta diferença, não há mais purificação possível e a violência impura, contagiosa, ou seja, recíproca, alastra-se.*³

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, M. J. de *Imagens e Sons-A Nova Cultura Oral*, SP, Ed Cortez, 1994.
GIRARD, R. *A Violência e o Sagrado*, SP, Paz e Terra, 1990.
BOGDANOVICH, P. *Este é Orson Welles*, SP, Globo, 1995.

Filmografia

- A Marca da Maldade*, 1958, direção: Orson Welles, EUA.
Rocco e Seus Irmãos, 1960, direção: Luchino Visconti, Itália.

² GIRARD R., *A violência e o sagrado*, p. 59.

³ GIRARD R., *A violência e o sagrado*, p. 68.